



## **A abordagem cultural no encontro da Educação e da Comunicação Social para as comunidades de periferia<sup>1</sup>**

Ana Letícia Viana Bezerra de Lima<sup>2</sup>

Alita Villas Boas de Sá Rego<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Duque de Caxias, RJ

### **RESUMO**

Em uma conversa mais íntima com a Comunicação Social, a Educação de periferia pode encontrar espaço para repensar suas metodologias e práticas, enaltecendo a identidade e a liberdade de ser local, com a utilização de dispositivos simples e atraentes ao alunato, estabelecendo a comunicação e a informação.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação; práticas pedagógicas; comunicação; periferia.

Partiremos de uma história de sucesso na educação com periferia e que se tornou o filme "Escritores da Liberdade" (2007). Ele trata da questão da educação em um contexto social mesclado por diferentes etnias guardadas em situação de exclusão socioeconômica. O principal sintoma apontado é a ausência de articulação entre os grupos étnicos o que os remete à violência. A professora Erin (Hilary Swank), jovem e recém formada, ingressa num colégio de ensino médio (ou seu equivalente), para lecionar Língua e Literatura Inglesa a adolescentes rotulados como violentos, marginais e limitados.

Inicialmente ela faz uso de metodologias de ensino tradicionais, sob a orientação da direção e “conselho” de colegas de trabalho, que são absolutamente inócuas. Após episódio de enfrentamento verbal com alguns alunos e na tentativa de entender o que estava por traz de cada um deles, ou seja, a história que carregavam, ela adota métodos não convencionais, portanto contrários à sua direção. Propõe a utilização de um diário de forma livre por cada aluno. Inclui também leituras de obras literárias consagradas, no

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Pedagogia da UERJ/FEBF, email: [leticiaavlima@gmail.com](mailto:leticiaavlima@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora na Faculdade de Educação da UERJ/FEBF, email: [alitasa.rego@gmail.com](mailto:alitasa.rego@gmail.com)



qual os temas versão sobre a intolerância, segregação e violência, como “O Diário de Anne Frank”.

Passeios e dinâmicas de grupo também foram inseridos nas práticas pedagógicas e, num movimento lento e contínuo, os alunos passaram a fazer uso mais frequente dos diários. Concomitantemente, foram trocando os seus comportamentos de intolerância por reflexões. Encontram pilares internos e se erguem com força para dar respostas a algumas questões pessoais e outras sociais.

O ápice do filme é a reunião de todas as histórias cotidianas daqueles jovens, descritas nos diários, tornarem-se um livro, que foi publicado em 1999.

A história do filme é verídica, mas sua proposta é que convida à reflexão do papel da educação como mecanismo de transformação individual e, conseqüentemente, coletiva.

A conscientização possui vínculo com a Educação e com a Comunicação Social, e é de suma importância para que se dêem impulsos, inicialmente, pessoais e, posteriormente, coletivos.

Nesse sentido encontramos apoio nas sinalizações de Stuart Hall (2003) ao falar do deslocamento das identidades sociais num mundo globalizado e fragmentador do indivíduo. Ao derrubar os limites das imaginadas identidades nacionais a partir da cultura, não se sustenta mais a ideia unificadora de culturas, uma vez que, internamente, elas dispõem de diferenças guardadas sob outras formas de “poder cultural”. Essa unificação deu-se de forma, muitas vezes, truculenta no processo de conquista de diferentes povos, sob classes sociais, gêneros e etnias diversas. O autor denomina de “híbridos culturais” essa nova configuração das nações modernas.

A globalização assume um tom de “nova” quando, na verdade, sempre tomou parte da história do capitalismo. Hodiernamente desloca as identidades culturais nacionais de forma impactante (a desintegração; o reforço pela resistência; a mutação - novas identidades-híbridas emergem ocupando o lugar daquelas emudecidas ou exterminadas). Seu efeito é o enfraquecimento das diferentes manifestações nacionais de identidade cultural.



A homogeneização das identidades, segundo o autor, recai numa ideia simplista, onde ele responde com três efeitos “colaterais”: 1) a fascinação com a diferença; 2) a globalização é distribuída desigualmente e 3) ocidentalização da globalização (o ocidente dita as regras das formas de vida para o resto do mundo).

O fortalecimento de identidades locais, ou ainda, a nova produção de identidades se originam nas “traduções culturais” em contra ponto à “tradição”, sinônimo maior de estabilidade. Segundo Hall, esse efeito pluralizador, é a outra metade da moeda da globalização.

Nessa esteira entendemos que o processo pedagógico tem profundo comprometimento com o contexto onde se encontram educador e educando.

A sobreposição cultural, em tempos de globalização, incorre em forte equívoco, uma vez que passa como rolo compressor sobre o processo cultural local e, conseqüentemente sobre o indivíduo e suas crenças.

Ao observar o contexto em que os alunos estavam inseridos, à professora Erin oportunizou tanto a ela quanto aos alunos outra percepção de mundo. Ela se viu obrigada a buscar diferentes metodologias de sensibilização e ensino e eles em fazer o melhor uso dos novos elementos de que estavam sendo providos para reflexão.

As abordagens culturais em educação devem assumir como pressupostos uma visão crítica emancipatória e transformadora que reflita e discuta as relações culturais e de poder. A forma mais acurada da perspectiva crítica intelectual deve figurar no currículo de forma larga e evitar padrões definidos por: gênero, raça, classe social, nacionalidade, religião, língua, etc., que desprezam outras questões que poderão estar mais próximas e requerem igual atenção. Essa crítica maior evita o discurso monológico e sugere romper com padrões unitários e estáticos ou resistir a eles dando à cultura uma percepção múltipla que sempre está em processo de construção.



Portanto, para evitar reincidir nos mesmos equívocos é necessário: clareza na concepção de cultura e princípios norteadores de estratégias, ou seja, metodologias plenamente aplicáveis à educação, onde sua aderência seja uma proposta inovadora e respeitosa ao indivíduo e seu grupo, somado ao conhecimento a ser construído. Nesse momento a Educação encontra esteio nas Comunicações Sociais.

Se o senso de mundo difere daquele que pertence à geração da televisão para aquele que se viu “forçado” a aderir a ela, não é difícil traçar um paralelo com a tecnologia digital - assintonia como descreve McLuhan (2005). Antes que se tente estabelecer uma via certa e outra, conseqüentemente, errada, entendamos serem ambas concomitantes no mesmo mundo, em tempo e espaço, e a mudança de comportamento humano é fator irrefutável. Argumentos como: acesso não horizontal e gerador de exclusão, especulação do capital, são absolutamente válidos quando se tenta costurar a Educação e a Comunicação Social por vias, aparentemente, únicas como as dos objetos tecnológicos.

À geração eletrônica pertencem exigências sensoriais diversa das gerações que a antecede e, conseqüentemente, uma sensibilidade cognitiva mais aguçada e de maior lastro. O currículo deve respeitar essa sensibilidade sob mérito de estabelecer rápida interação com os jovens.

O filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, aborda a identificação do *self* e o mundo. A percepção é o fundo onde todos os atos se destacam. Conclui: “...o mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que só é projeto de mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta.”

Entendemos desse modo, que numa proposta educacional onde se oportunize o acesso de crianças e jovens às diferentes mídias (rádio, cinema, televisão, internet) ou, na ausência desses espaços, se utilizem recursos, mesmo os mais simples (por exemplo, celular), ampliamos a compreensão da importância da comunicação e informação entre eles e o mundo. É no querer comunicar das mais diferentes formas e aprimorar cada vez mais essa comunicação, que está o que se quer ensinar.

Paulo Freire, na sua Pedagogia da Autonomia, descreve a leveza do aprender e ensinar quando o docente não se importa em abrir os caminhos à descoberta para o aluno e



afirma: “...a força criadora do aprender de que fazem parte a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita, que supera os efeitos negativos do falso ensinar.”

Como também encontrada na literatura de Vygotsky, a valorização das atividades da criança e do jovem fortalece a segurança para vencer os desafios que as próprias fases impõem. O aspecto motivacional e o encorajamento são de suma importância para o desenvolvimento cognitivo e afetivo saudáveis.

Desse modo, a produção de uma música, um desenho, um filme, um programa não se limita a pesquisa do aluno para elaboração e execução da peça, mas a satisfação em executá-la em todas as suas etapas. Não lhe é imputado o peso do “trabalho” naquilo que faz com prazer. Complementar com os conteúdos fica a cargo do professor, que deverá fornecê-los de forma ampla e irrestrita.

Na subdivisão de tarefas encontramos espaço para os diferentes temperamentos. Há os mais reservados e compenetrados que poderão fazer o seu “show” na produção. Há os mais ativos e falantes que não se inibem diante de uma câmera ou microfone. Há os que em qualquer área se identificam. Essa natureza de trabalho, se aplicada pedagogicamente, contribui da mesma forma como a Professora Erin, demonstrado no filme, fortaleceu seus alunos para lidar com suas questões cotidianas e de identidade social.

Se descobrir ainda é uma arte que, na natureza humana, só acontece quando refletimos no outro. O trabalho em equipe denuncia essa nossa dimensão e o quanto avançamos e amadurecemos ou onde ainda nos encontramos enganchados sem avançar. Distraídos das subjetividades desperdiçamos gerações e gerações que possuem muito a dizer, mas mantêm seu grito contido por não encontrar meios que conversem com suas expectativas de mundo.

Podemos concluir que os elementos básicos da Comunicação Social, na era digital, são fortes contribuintes ao processo cognitivo plenamente pedagógico, ao contrário do que alguns acreditam. É possível identificar suas contribuições e efeitos quando bem articulados aos conteúdos propostos. O currículo deve apontar essa interface entre



Educação e Comunicação Social para que no Plano Político e Pedagógico da escola constem todos os elementos necessários à sua execução.

É verdade que as escolas brasileiras urgem de todo tipo de material pedagógico. As carências são as mais variadas que vão desde o giz até telhado. Acrescente-se a isso, os salários dos professores que são completamente aviltantes. Não desprezamos estes fatos, mas firmamos que nossa intenção aqui é fotografar o momento em que se vive e todas as suas incoerências, tentando se evitar que escape à Educação a oportunidade de articular de forma direta com outras cadeiras de igual quilate, por aquilo que as aproximam por afinidade e, nesse particular, com a Comunicação Social.

Como nos ensinou o pedagogo Paulo Freire em sua Pedagogia da Autonomia:

*“Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente nos tornamos capazes de apreender. Por isso somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que repetir uma lição dada. Aprender pra nós é construir, reconstruir, constatar para mudar e o que não se faz sem a abertura para o risco e à aventura do espírito.”*

Quando falamos de Educação em periferia, entenda-se a periferia como um lugar, escolhidos por outros, diferentes daqueles que lá habitam, para ser o lugar distante e fora do circuito cultural do centro urbano. Isso está longe de traduzir o potencial intelectual de que ela é lotada.

Crianças e jovens munidos de equipamentos (computadores, câmeras, gravadores, etc.) e proposta pedagógica coerente com suas realidades e identidades, são capazes de registrar a história cotidiana que todos os dias passa por nós como se fosse pequena de tão corriqueira, mas que tem a dimensão de mundo, pois ela é desse mundo e não de outro. Ela é de pessoas que o compõem e fazem continuar e, por isso mesmo, merecem o prestígio da atenção pelo registro. São fiéis proprietárias de peculiaridades da periferia da mesma forma como abrigam em seu meio às características de diferentes lugares do país e do mundo.



## REFERÊNCIAS

- ESCRITORES da liberdade** (Original: *Freedom Writers*). Direção: Richard LaGravenese. Produção: Danny DeVito, Michael Shamberg e Stacey Sher. EUA. 2007. 1DVD (123 min)
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. (Coleção Leitura). São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996. 25ª ed.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- McLuhan, Herbert M. **Conferências e entrevistas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- Merleau-Ponty, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes. 1994.